

A História do Navio Fantasma

Tradução de Filipe Kegles Kepler

Meu pai possuía uma pequena loja em Balsora. Ele não era pobre nem rico, era uma daquelas pessoas que não se arriscava por medo de perder o pouco que tinha. Criou-me de maneira simples e honesta e logo conseguiu que eu o ajudasse. Exatamente quando eu tinha dezoito anos de idade e ele fazia sua primeira grande especulação, morreu, provavelmente de desgosto por ter confiado mil moedas de ouro ao mar. No final, fiquei até aliviado com sua morte, pois poucas semanas depois correu a notícia de que o navio ao qual meu pai dera seus bens havia afundado. Porém, esta desventura não foi capaz de dobrar minha coragem. Transformei em dinheiro tudo o que meu pai havia me deixado e parti para tentar a sorte no estrangeiro, acompanhado somente por um velho servo de meu pai.

No porto de Balsora, içamos âncora com vento favorável. O navio no qual eu alugara uma cabine dirigia-se à Índia. Já tínhamos navegado quinze dias no curso habitual quando o capitão anunciou-nos uma tempestade. Ele estava apreensivo, pois parecia não conhecer as águas daquela região o suficiente para enfrentar uma tempestade com tranquilidade. Mandou recolher todas as velas, e deixamo-nos levar vagarosamente pela corrente. Caíra a noite, era clara e fria, e o capitão já começava a achar que tinha se enganado quanto ao prenúncio de tempestade. De repente passou rente a nós um navio que não tínhamos visto antes. Clamores e gritos selvagens ecoavam do convés, o que não me admirou muito numa hora assustadora como aquela, ante uma tempestade. Contudo, o capitão, ao meu lado, ficou terrivelmente pálido. “Meu navio está perdido”, exclamou ele, “lá navega a morte!”

Antes que eu pudesse perguntar-lhe sobre o significado de suas palavras, os marinheiros já se lançavam, uivando e gritando, para dentro do navio. “Vocês o viram?”, gritavam eles. “Agora é o nosso fim!”

O capitão mandou que lessem para ele versículos de consolação do Alcorão e tomou, ele mesmo, a direção do leme. Mas tudo em vão! A tempestade efervescia a olhos vistos e, antes que uma hora se passasse, o navio rebentou e parou de se mover. Os botes foram baixados e, mal os últimos marinheiros haviam se salvado, o navio naufragou diante de nossos olhos. Pobre como um mendigo, naveguei mar afora. No entanto, a tragédia ainda não chegara ao fim. A tempestade bramia agora com um terror ainda maior, não se conseguia mais governar o bote. Abracei meu velho servo com firmeza e prometemos um ao outro jamais nos separarmos. Finalmente, o dia raiou. No entanto, com o primeiro raio da aurora, o vento agarrou o bote no qual estávamos e o emborcou. Não vi mais ninguém da minha tripulação. A queda havia me anestesiado e, quando acordei, eu estava nos braços de meu velho servo, que se salvara agarrando-se ao bote emborcado e arrastando-me consigo. A tempestade tinha amainado. Não havia sinal do nosso barco, porém descobrimos, não muito longe de onde estávamos, outro navio para o qual as ondas nos impeliam. Quando nos aproximamos, reconheci o navio como sendo o mesmo que havia passado por nós e que tanto assustara o capitão. Senti um estranho horror ante esse navio. A previsão do capitão que se concretizara de maneira tão terrível, o aspecto deserto do navio, no qual, por mais que nos aproximássemos e por mais alto que gritássemos, não se via ninguém – tudo isso me assustava. Entretanto, este era nosso único meio de salvação, por isso louvamos ao Profeta, que tão milagrosamente nos salvara.

Na proa do navio pendia uma longa corda. A todo custo remamos ao seu encontro para agarrá-la. Finalmente conseguimos. Ergui minha voz mais uma vez, porém o navio continuou silencioso. Então escalamos pela corda; eu, sendo o mais jovem, ia à frente. Mas que horror! Que espetáculo se apresentou a meus olhos quando pisei no convés! O chão estava vermelho de sangue, no chão jaziam de vinte a trinta cadáveres em roupas turcas; junto ao mastro central estava de pé um homem, ricamente vestido, o sabre em punho, porém seu rosto estava pálido e desfigurado, um grande prego atravessava-lhe a testa, prendendo-o ao mastro – ele também estava morto. O pavor tolhia meus passos, eu mal ousava respirar. Por fim, meu companheiro também subira a bordo. A ele também espantou a visão do convés, que não mostrava sinal de vida, apenas todos aqueles mortos horríveis. Após orarmos em aflição ao Profeta, atrevemo-nos a seguir em frente. A cada passo olhávamos ao redor para ver se não surgiria nada de novo ou horripilante, no entanto tudo continuou como estava, por toda parte não havia nada que se movesse além de nós e o oceano. Não ousamos sequer falar em voz alta, com medo de que o capitão morto pregado ao mastro voltasse seus olhos fixos para nossa direção ou de que um dos mortos virasse a cabeça. Enfim havíamos chegado a uma escada que levava ao porão. Instintivamente estacamos ali e ficamos a olhar um para o outro, pois ninguém tinha coragem de dar voz a seus pensamentos.

“Oh, Senhor”, falou meu fiel servo, “algo terrível aconteceu aqui. No entanto, ainda que lá embaixo o navio esteja repleto de assassinos, prefiro entregar-me a eles, à espera de clemência ou crueldade, do que permanecer por mais tempo entre estes cadáveres.” Eu pensava como ele. Dominamos o próprio medo e descemos, cheios de ansiedade. Contudo, lá também reinava um silêncio mortal, e apenas nossos passos ecoavam na escada. Estávamos em frente à porta da cabine. Encostei o ouvido na porta e fiquei escutando. Não havia nada para ouvir. Abri a porta. O compartimento estava completamente desarrumado. Roupas, armas e outros instrumentos amontoavam-se uns sobre os outros. Tudo estava em desordem. A tripulação, ou ao menos o capitão, havia de ter farreado recentemente, pois tudo continuava jogado ao redor. Seguimos em frente, de compartimento em compartimento, de cabine em cabine; por toda parte encontramos magníficas provisões de seda, pérolas, açúcar etc. Eu estava fora de mim de tanta alegria por tal descoberta, pois acreditava que poderia ficar com tudo aquilo, já que não havia ninguém no navio. Ibrahim, no entanto, chamou a minha atenção para o fato de que nós ainda estávamos muito longe da costa e não poderíamos alcançá-la sem a ajuda de outros homens.

Restabelecemos nossas forças com os comes e bebes que encontramos em grande profusão e voltamos ao convés. Porém, ali ainda sentíamos arrepios diante da terrível visão dos corpos. Decidimos nos libertar daquilo e jogá-los para fora do convés. Mas quão horripilante não foi para nós descobrir que nenhum deles podia ser movido de lugar! Eles jaziam como se estivessem amarrados ao chão. Teríamos de despregar o assoalho do convés para removê-los e, para isso, faltavam-nos ferramentas. Também o capitão não podia ser desprendido de seu mastro; nem mesmo o sabre conseguimos arrancar de sua mão rígida. Passamos o dia em triste contemplação de nossa situação e, quando começou a anoitecer, permiti ao velho Ibrahim que fosse se deitar. Eu, por minha vez, queria montar guarda no convés, à espera de um possível resgate. Porém, quando a lua surgiu e eu calculava, olhando as estrelas, que fossem onze horas, fui acometido por um sono tão irresistível que caí acidentalmente atrás de um barril que estava no convés. Era mais torpor do que sono, pois eu ouvia nitidamente o mar bater no casco do navio e as velas assoviarem e rangerem por causa do vento. De repente, pensei ter ouvido vozes e passos de homens no convés. Eu queria levantar-me para olhar, mas uma força invisível retinha meus membros, nem mesmo os olhos eu conseguia abrir. As vozes tornavam-se cada vez mais nítidas, parecia-me que uma alegre tripulação transitava pelo convés. Entre as vozes, acreditei ter ouvido uma mais forte, de comando; também ouvia nitidamente o rumor de cordas e velas. Porém, pouco a pouco eu ia perdendo os sentidos. Caí num sono profundo, no qual acreditava ouvir apenas um rumor de armas, e acordei somente quando o sol já ia alto e queimava-me o rosto. Perplexo, olhei ao meu redor: tempestade, navio, os mortos e o que eu ouvira naquela noite

pareciam ter sido um sonho, mas quando ergui os olhos, encontrei tudo como no dia anterior. Imóveis, jaziam os mortos; imóvel, permanecia o capitão preso ao mastro. Achei graça do meu sonho e levantei-me para procurar meu velho.

Este estava sentado na cabine, pensativo. “Oh, senhor!”, gritou ele quando entrei. “Eu preferia estar sepultado nas profundezas do mar do que passar mais uma noite neste navio amaldiçoado.” Perguntei-lhe pela razão de sua aflição, e ele me respondeu: “Ao adormecer há algumas horas, acordei e ouvi como corriam, para lá e para cá, sobre minha cabeça. Primeiro pensei que fosse o senhor, mas eram no mínimo vinte que corriam lá em cima. Também ouvi chamarem e gritarem. Então, passos pesados desceram a escada. Eu não sei o que aconteceu depois. Quando por alguns instantes recuperei os sentidos, vi o mesmo homem que está preso ao mastro lá em cima sentado àquela mesa, cantando e bebendo. E aquele que jaz não muito longe dele, vestido num traje escarlate, estava sentado ao seu lado e bebia com ele!” Assim contou meu velho servo.

Meus amigos, vocês podem acreditar em mim quando digo que não estava gostando nada daquilo. Não era nenhuma ilusão, eu mesmo também tinha ouvido os mortos. Achava pavoroso navegar em tal companhia. Meu velho Ibrahim, porém, voltou a mergulhar em profundas meditações. “Já sei!”, exclamou afinal. Lembrou-se de uns versinhos que seu avô, um homem experiente, muito viajado, havia lhe ensinado e que ajudariam contra qualquer assombração ou feitiço. Ele também afirmava poder impedir na noite seguinte aquele sonho artificial que nos acometeu, se recitássemos fervorosamente versículos do Alcorão. O conselho do velho muito me agradou. Em apreensiva expectativa, vimos a noite aproximar-se. Ao lado da cabine havia uma pequena câmara, decidimos nos refugiar lá dentro. Fizemos vários buracos na porta, grandes o suficiente para observarmos toda a cabine. Em seguida, trancamos a porta por dentro, o melhor que pudemos, e Ibrahim escreveu o nome do Profeta nos quatro cantos. Assim aguardamos pelos horrores da noite. Deviam ser em torno de onze horas, quando comecei a sentir muito sono. Meu companheiro aconselhou-me então a recitar alguns versos do Alcorão, o que me ajudou. De repente, o convés pareceu ter criado vida: os cordames rangiam, passos ecoavam sobre o assoalho, e podiam-se distinguir claramente diversas vozes. Durante vários minutos permanecemos sentados, em profunda aflição, até que ouvimos alguma coisa descer a escada da cabine. O velho então começou a recitar os versos contra assombrações e feitiçaria que seu avô lhe ensinara:

“Venham vocês descendo do ar,
Emerjam das profundezas do mar,
Durmam em túmulo escuro,
Descendam do fogo puro:
Alá é seu mestre e senhor,
A ele os espíritos mostram temor.”

Tenho de admitir que não acreditava muito nos tais versos, mas meus cabelos ficaram em pé quando a porta se abriu. Entrou aquele homem grande, imponente, que eu vira pregado ao mastro. O prego continuava atravessado em seu crânio, mas havia guardado o sabre na bainha. Atrás dele entrou mais um, não tão bem vestido, o qual eu também tinha visto deitado lá em cima. O capitão – pois este era inconfundível – tinha um rosto pálido, uma barba longa e negra, olhos revirados, com os quais ele olhava ao redor do compartimento. Eu podia vê-lo claramente quando cruzou nossas portas. Ele, no entanto, não parecia atentar nas portas que nos ocultavam. Ambos se sentaram à mesa que havia no meio da cabine, falando alto, quase gritando um com o outro em uma língua desconhecida. Tornavam-se cada vez mais ruidosos e descontrolados, até que o capitão bateu com o punho fechado na mesa e disse que o quarto retumbava. Com uma gargalhada selvagem o outro se levantou e acenou ao capitão para que o seguisse. Este se pôs de pé, desembainhou a espada, e ambos deixaram o compartimento. Respiramos mais aliviados quando se foram, porém, nosso medo ainda estava longe de ter fim. O convés tornava-se mais e mais ruidoso. Ouvimos uma correria apressada, para cima e para baixo, gritos, risadas e uivos. Finalmente prorrompiu um estrondo verdadeiramente infernal (pensamos mesmo que o convés desabaria, com todas as velas, sobre nós), tinir de armas, gritaria e... silêncio.

Quando nos atrevemos a subir, após várias horas, encontramos tudo como antes; nenhum deles havia mudado de posição. Todos continuavam rijos feito madeira.

Assim permanecemos por vários dias no navio. Este navegava sempre em direção ao Leste, onde, de acordo com meus cálculos, haveria terra firme. Contudo, mesmo que durante o dia percorresse muitas milhas, à noite o navio parecia retroceder, pois nos encontrávamos sempre no mesmo lugar quando o sol nascia. Não havia outra explicação senão a de que os mortos, todas as noites, velejassem de vento em popa para trás. A fim de evitar isso, recolhíamos todas as velas antes do anoitecer e usávamos o mesmo método das portas da cabine: escrevíamos o nome do Profeta e os versinhos do avô em pergaminhos e os amarrávamos nas velas recolhidas. Aflitos, aguardávamos em nosso quartinho pelo resultado. Os fantasmas pareciam vociferar com uma fúria ainda maior, mas vejamos só! Na manhã seguinte, as velas continuavam enroladas como nós as tínhamos deixado. Ao longo do dia içávamos somente a quantidade de velas necessárias para que o barco avançasse suavemente e, assim, percorremos em cinco dias uma distância considerável.

Finalmente, na manhã do sexto dia, divisamos terra a pouca distância e agradecemos a Alá e a seu Profeta por nossa milagrosa salvação. Neste dia e na noite seguinte navegamos ao longo de uma costa e, na sétima manhã, acreditamos ver não muito longe uma cidade. Com muito esforço lançamos ao mar uma âncora, que logo encontrou o fundo, baixamos um pequeno bote que

estava no convés e remamos a toda força em direção à cidade. Após uma meia hora, desembocamos num rio que desaguava no mar e chegamos à costa. No portão da cidade, informamo-nos sobre o nome desta e descobrimos tratar-se de uma cidade indiana, não muito longe da região para onde eu desejava navegar desde o início. Dirigimo-nos a uma hospedaria e descansamos de nossa viagem repleta de aventuras. Procurei por um homem sábio e prudente, insinuando ao dono da estalagem que desejava um que entendesse um pouco de magia. Ele me conduziu a uma rua afastada, até uma casa discreta, bateu à porta e mandou que eu entrasse e apenas perguntasse por Muley.

Dentro da casa, um velhinho de barba grisalha e nariz comprido veio ao meu encontro e perguntou-me o que eu desejava. Disse-lhe que procurava pelo sábio Muley, e ele me respondeu ser o próprio. Pedi-lhe um conselho a respeito do que fazer com os mortos e de como agir para tirá-los do navio. Ele me respondeu que os tripulantes do navio provavelmente estariam presos ao mar por um feitiço em consequência de algum sacrilégio. Ele acreditava que o feitiço seria quebrado, se eles fossem trazidos à terra. No entanto, isso somente aconteceria, caso se desprendessem das pranchas sob as quais eles jaziam. A mim pertencia, por Alá e pela lei, o navio com todas as suas riquezas, pois eu o havia encontrado. No entanto, eu me dispunha a guardar segredo sobre tudo isso e oferecer-lhe um pequeno presente. Para tanto, ele deveria ajudar-me, com seus escravos, a livrar-me dos mortos. Prometi recompensá-lo ricamente e partimos com cinco escravos armados de sabres e machados. No caminho, o feiticeiro Muley não se cansava de louvar nossa feliz ideia de amarrar as velas com versículos do Alcorão. Ele dizia que aquele era realmente o único meio de nos salvarmos.

Era ainda bem cedo quando chegamos ao navio. Começamos imediatamente a trabalhar e, após uma hora, jaziam já quatro dentro do bote. Alguns dos escravos tinham de remar até a costa para lá sepultá-los. Ao voltarem, eles contavam que os mortos poupavam-lhes o trabalho de enterrá-los, transformando-se em poeira tão logo eram colocados no chão. Continuamos a remover os mortos e, antes do anoitecer, todos tinham sido depositados na praia. Por fim, não havia mais nenhum a bordo, a não ser aquele pregado ao mastro. Em vão tentamos retirar o prego da madeira; força alguma foi capaz de movê-lo nem um centímetro do lugar. Eu não sabia o que fazer. Não podíamos derrubar o mastro para levá-lo até a costa. Foi Muley quem nos ajudou a resolver este impasse. Ele ordenou rapidamente a um escravo que remasse até a praia e enchesse um balde de terra. Quando este foi providenciado, o feiticeiro pronunciou palavras obscuras e derramou a areia sobre a cabeça do morto. Este, imediatamente, abriu os olhos, inspirou profundamente, e o ferimento em sua testa começou a sangrar. Retiramos então o prego com facilidade, e o ferido caiu nos braços de um dos escravos.

“Quem me trouxe até aqui?”, perguntou ele, após parecer ter-se recuperado um pouco. Muley apontou para mim, e eu fui até ele. “Agradeço-te, desconhecido, tu me libertaste de longos tormentos. Há cinquenta anos meu corpo veleja por estes mares, e meu espírito estava condenado a retornar para ele todas as noites. Porém, agora minha cabeça tocou a terra, e eu posso, reconciliado, ir ao encontro de meus antepassados.”

Pedi-lhe que nos contasse como havia chegado àquela trágica situação, e ele falou: “Cinquenta anos atrás, eu era um homem poderoso e respeitado e morava em Argel. A cobiça levou-me a equipar um navio e tornar-me pirata. Eu levava essa vida já havia algum tempo, quando certa vez trouxe a bordo, em Zaquintos, um dervixe¹ que queria viajar de graça. Eu e meus homens éramos pessoas rudes e não respeitamos a santidade daquele homem. Pelo contrário, lancei-lhe todo o meu escárnio. À noite, tendo já bebido muito com meu timoneiro, fui tomado em minha cabine pela ira, após ele, em santo furor, ter condenado minha vida de pecados. Furioso por aquilo que um dervixe havia me dito e que eu não admitiria que sultão algum me dissesse, precipitei-me para o convés e enterrei meu punhal em seu peito. Agonizando, ele amaldiçoou a mim e a meus homens a não podermos viver nem morrer, até que nossas cabeças tocassem a terra. O dervixe morreu, e nós o jogamos ao mar e rimos de suas ameaças. Porém, logo na mesma noite suas palavras se concretizaram. Uma parte de minha tripulação se voltou contra mim: travou-se uma batalha feroz, até que meus companheiros sucumbiram e eu fui pregado ao mastro. Contudo, os revoltosos também sucumbiram a seus ferimentos, e logo meu navio era nada mais do que um grande túmulo. Meus olhos também se turvaram, minha respiração parou e pensei que morreria; mas era apenas um entorpecimento que me mantinha preso. Na noite seguinte, à mesma hora em que jogamos o dervixe ao mar, eu e todos os meus companheiros acordamos, a vida retornara, porém só podíamos fazer e dizer aquilo o que havíamos feito e dito naquela noite. Assim navegamos há cinquenta anos, não podemos viver, não podemos morrer. Pois como poderíamos chegar em terra firme? Com grande alegria navegamos com todas as velas para dentro da tempestade, na esperança de bater contra um rochedo e poder, finalmente, descansar nossas cabeças cansadas no fundo do oceano. Nunca conseguimos. Porém, agora vamos morrer. Meus agradecimentos, mais uma vez, salvador desconhecido. Se tesouros podem recompensar-te, então que aceites meu navio como símbolo da minha gratidão.”

Após ter terminado de falar, o capitão baixou a cabeça e expirou. Imediatamente, ele também se desfez em poeira como seus homens. Nós o juntamos em uma caixa pequena e o enterramos em terra firme. Chamei trabalhadores da

1 Um dervixe (do persa شایورد, Darvīsh pelo turco Derviş) é um praticante aderente ao islamismo sufista que segue o caminho ascético da “Tariqah” (طريقه)

cidade, que fizeram uma boa reforma em meu navio. Após tirar um bom lucro ao trocar as mercadorias que tinha a bordo por outras, contratei marinheiros, presenteei com riquezas meu amigo Muley e rumei para minha terra natal. No entanto, fiz um desvio, aportando em muitos países e ilhas e vendendo minhas mercadorias. O Profeta abençoou minha empreitada. Após três quartos de ano, aportei novamente em Balsora, duas vezes mais rico do que o capitão havia me deixado. Meus conterrâneos ficaram admirados de minha sorte e riquezas e acreditavam que eu havia encontrado o vale de diamantes do famoso viajante Simbad. Deixei que acreditassem, porém a partir de então os jovens de Balsora, ao completarem dezoito anos, tinham de sair pelo mundo afora, como eu, a fim de tentar sua sorte. Eu, por outro lado, vivi tranquilamente e em paz e, a cada cinco anos, faço uma viagem a Meca para agradecer a Alá, em Suas cidades sagradas, por Sua benção e pedir-lhe que receba o capitão e seus homens no Paraíso.

A viagem da caravana avançou no dia seguinte sem obstáculos e quando já estavam descansados no acampamento, Salim, o forasteiro, começou a falar com Muley, o mais jovem dos comerciantes.

– És o mais jovem entre nós, estás sempre alegre e com certeza conheces uma boa anedota. Conte para nós, para que nos distraia do calor do dia.

– Bem que gostaria, – respondeu Muley – de contar uma história divertida para vocês, porém a juventude exige que sejamos modestos em tudo, por isso meus companheiros de viagem mais velhos devem ter a preferência. Zaleucos se mostra sempre tão sério e reservado, será que ele não quer contar para nós o motivo de sua atitude? Talvez possamos assim minorar sua mágoa, caso a tenha, pois nos apraz servir a nosso irmão, mesmo que tenha outra fé.

O homem citado era um mercador grego, de meia-idade, belo e vigoroso, mas muito sério. Embora fosse um infiel (não era muçulmano), era estimado por seus companheiros de jornada, porque seu comportamento havia despertado admiração e confiança. Diga-se que ele tinha apenas uma mão e alguns dos viajantes desconfiavam que ele era tão sério devido a essa perda.

Zaleucos assim respondeu ao amável convite de Muley:

– Muito me honra o pedido dos senhores. Não tenho mágoa, não sofro do tipo de tristeza que possa ser consolada, por mais boa vontade que tenham. No entanto, já que Muley parece me descrever como um tipo cabisbaixo, contarei algo que explicará porque sou mais sério do que a maioria das pessoas. Podem ver que perdi a mão esquerda. Não sou assim de nascimento, ela me foi tirada no pior dia de minha vida. Se a culpa é minha, se não tenho razão de ser mais sério do que minha condição justificaria, é algo que vocês irão julgar após ouvirem minha história.